

Peiote, o cacto sagrado

Gilson Cruz da Silva e Ligia Maria Marino Valente

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química, Departamento de Química Orgânica
Centro de Tecnologia, Bloco A, 21910-240, Rio de Janeiro, RJ

Quando no século XVI os exploradores e missionários espanhóis começaram a penetrar nas regiões mais remotas do território mexicano, tiveram os primeiros contatos com uma pequena planta verde, esférica, macia e sem espinhos, que formava colônias de pequenos botões, chamada "peyotl" ("hículi, huatari"). Os indígenas a consideravam divina, pois através de seu uso podiam se comunicar com seus deuses e a usavam para curar suas enfermidades, prever o futuro, dar força e coragem nas batalhas ou executar tarefas prodigiosas. Essa planta, que conhecemos como peiote, tem o nome botânico *Lophophora williamsii* e pertence à família Cactaceae.



A foto à esquerda retirada do livro "The world of Cacti" de D. Schuster e a foto acima foi retirada do livro "El interesante mundo de las cactáceas" de Helia B. Hollis & Leia Scheinvar

Ela é nativa do México e sul dos Estados Unidos e sabe-se que tem sido usada há milênios pelos indígenas mexicanos. Tem um crescimento lento, levando muitos anos para atingir um tamanho apreciável.

O primeiro relato sobre o peiote foi feito em 1560 pelo frei franciscano Bernardino de Sahagun, cronista da Nova Espanha, em sua *Historia general de las cosas de Nueva España*, publicado na Europa em 1880.

A forma de peiotismo encontrada pela primeira vez pelos conquistadores espanhóis persiste entre várias tribos do norte do México e se caracteriza como um complexo culto comunitário, que enfatiza o papel do xamã. Ele, através do uso do peiote e também de outras plantas, realiza rituais de cura de doentes ou possuídos por maus espíritos. Tradicionalmente o peiote era coletado inteiro e cuidadosamente esmagado em um pilão até a obtenção de uma pasta, que era então misturada com água ou com uma bebida a base de milho fermentado, o "tesguino". Os indígenas usavam também ingerir a parte superior da planta fresca ou seca.

O conhecimento da grande importância do peiote na vida religiosa e social dos indígenas, aliada à intolerância do clero católico, levou os conquistadores espanhóis, ávidos em impor sua cultura, a combaterem veementemente o uso da planta entre os nativos, concluindo que os "milagres" ligados a ela somente poderiam ser obra do diabo. No entanto a repressão imposta teve efeitos quase nulos, pois os indígenas continuaram a usar o peiote e professar suas crenças, surgindo então um sincretismo com os cultos católicos, que foi também combatido pelo clero e condenado até a morte pela Inquisição.

No século XIX os índios americanos apaches, kiowas e comanches levaram o peiotismo para o sudoeste dos Estados Unidos, de onde se espalhou até os Grandes Lagos, chegando ao território canadense. O culto praticado era, no entanto, diferente do peiotismo mexicano e se caracterizava por uma atividade mais individual e contemplativa.

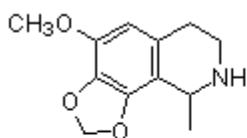
No início do século XX, as diversas tribos americanas que professavam o culto foram unificadas na *Native American Church*, que sofreu também impiedosa repressão. Ela porém persistiu e é hoje uma organização que congrega milhares de indígenas americanos e canadenses, tendo o uso do peiote, somente nesse caso, permitido por lei.

A fama do peiote chegou até o meio científico europeu no final do século XIX. Químicos, farmacólogos e médicos desejaram conhecê-lo e experimentar seus efeitos.

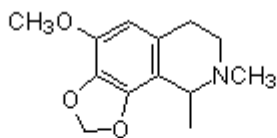
A primeira publicação a respeito da química do peiote foi feita pelo farmacologista alemão Louis Lewin, em 1888. Ele extraiu da planta, fornecida pela Companhia Parke-Davis, o alcalóide ao qual chamou anhalonina, baseado na classificação botânica incorreta do peiote naquela época: *Anhalonium lewinii*. Este material não produziu efeitos alucinógenos e provavelmente era uma mistura de diversos alcalóides. Outros farmacologistas alemães começaram a estudar o peiote, e em 1897 Arthur Heffter publicou o isolamento e as propriedades farmacológicas de cinco alcalóides presentes nele. Por experimentação em animais e auto-experimentação ele determinou que um deles era a principal substância psicoativa da planta, a qual denominou mescalina. Esse foi o primeiro estudo sistemático de um material psicodélico de ocorrência natural.

Em 1919, Ernest Spath sintetizou a mescalina permitindo aprofundar estudos nos efeitos clínicos da substância.

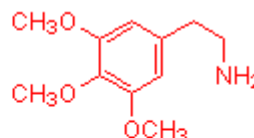
O peiote contém mais de cinquenta e cinco alcalóides, muitos dos quais provavelmente existem em quantidade suficiente para afetar a fisiologia humana. Entretanto, pouco foi estudado para determinar seus efeitos. Desses alcalóides, além da mescalina, já foram estudados farmacologicamente a lophophorina, anhalodina, anhalonidina, anhalonina, hordenina e pelletina.



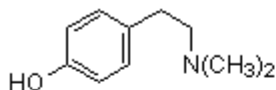
Anhalonina



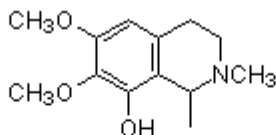
Lophophorina



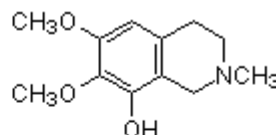
Mescalina



Hordenina



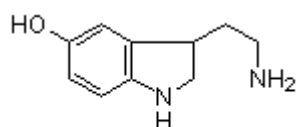
Pellotina



Anhalonidina

Alguns alcalóides isolados de Peiote com estudos de farmacologia já realizados

Um dos maiores problemas de se entender e descrever a experiência com o peiote ou mescalina é a dificuldade de quem usa de comunicar o que se passou. São duas as principais razões para isto: a primeira é que normalmente torna-se difícil descrever uma profunda experiência mística, e a segunda é que o peiote e a mescalina causam uma desorientação dos sentidos que resulta na perda das referências usuais pelas quais nós nos comunicamos, como as relações de espaço e a percepção de tempo, que são grandemente distorcidas. Os efeitos da ingestão do peiote e da mescalina pura são um pouco diferentes. Ambos produzem efeitos iniciais desagradáveis como desconforto físico, depressão e ansiedade seguidos de visões brilhantemente coloridas e muitos outros efeitos sensoriais. Mas o impacto do peiote tende a ser mais complexo, variável e imprevisível.



Serotonina

O sistema nervoso central humano é afetado significativamente pela planta, e o modo como ela altera o processo metabólico do corpo para produzir seus efeitos psíquicos e somáticos é uma das questões que intrigam os pesquisadores há mais de um século. Sabe-se atualmente que as drogas psicodélicas ativam receptores de serotonina no cérebro, acionando um conjunto de processos que levam à alterações do estado de consciência que são particulares para cada indivíduo e cujo mecanismo ainda é desconhecido.

No Brasil, tanto o peiote quanto a mescalina têm o seu uso proibido (incluindo cultivo e comercialização da planta) através da portaria nº 28, de 13 de novembro de 1986, da Secretaria Nacional de Vigilância Sanitária.

Bibliografia

- Anderson, E. F. *Peyote, the divine cactus*. 2nd ed. The Universe of Arizona Press. Tucson. 1996.
Sangirardi Jr. *O índio e as plantas alucinógenas*. Ed. Tecnoprint S.A. Rio de Janeiro. 1989.
Hollis, H. B & Scheinvar, L. *El interesante mundo de las cactáceas*. Fondo de Cultura Económica. México. 1995.
Jacobs, B. L. How hallucinogenic drugs work. *American Scientist* **75**:386-392, 1987.
Heffter Research Institute no endereço <http://www.heffter.org>